

## CRITICAS



Luís Palma  
"Ocupação"  
Caroline Pagès  
Gallery  
Até 13 Março

## OS SÍTIOS SITIADOS

"Ocupar é destruir o conceito de propriedade capitalista e dar força ao proletariado... As leis só são para cumprir desde que não contrariem o espírito revolucionário". É com esta frase marxista que Luís Palma (Porto, 1960) inicia a sua mais recente reorganização do corpo de trabalho intitulado "Ocupação", agora apresentada na galeria Caroline Pagès. O conjunto de fotografias recolhidas – e apresentadas, antes, no contexto da exposição "Estranhas Formas de Vida", comissariada por João Fernandes para o Allgarve 09 – resulta numa espécie de mapeamento do processo de urbanização desencadeado durante o período do 25 de Abril, na Ria Formosa no Algarve.

A frase, inscrita a vinil directamente na parede, sugere a textura de leitura que devemos adoptar na exposição. Tal como as fotografias, reproduzidas

em papel e coladas na parede como se fossem cartazes, remetendo para a urgência própria do manifesto ou do desejo de expressão inerente ao tempo que a frase nos invoca. Em simultâneo, direccionam-nos para uma forma de vida efémera, que é também qualidade das construções documentadas pelas fotografias: um movimento de construção levado a cabo por pescadores locais nas ilhas que polvilham a Ria Formosa, edificações que variam, consoante as ilhas, entre casas/barracas, de apoio ao trabalho da pesca, feitas de materiais descartáveis, e casas/vivendas, que integram materiais simbólicos de um outro tipo de *status*, como cimento, alumínio, portões, plantas decorativas. Hoje, estas construções são consideradas ilegais, já que a área foi designada Reserva Natural, no entanto, lembram também a marcação territorial que se fez sentir no período revolucionário. Uma utopia que se queria concretizar: Terra, Trabalho, Habitação (e Educação) eram os alicerces de um país que se queria reinventar.

A exposição que se desenvolve ao longo das paredes da galeria/casa desdobra-se em três momentos: uma selecção de fotografias das construções nas ilhas, apresentadas em papel e numa projecção de diapositivos, e uma série de fotografias a preto e branco, reproduzidas em papel e também coladas na parede, em torno de uma construção modernista (uma arca frigorífica para o armazenamento do peixe?) construída segundo uma estrutura palafita.

As imagens perfazem um circuito, em torno do edifício, como se o ladeassem. Este está posicionado a uma distância inusitada da costa, situado algures entre a terra e o trabalho, entre o poder e o poder popular. Actualmente, a linha de horizonte territorial apresenta outro par conflituante: a construção turística, desmesurada na sua dimensão e desenfreada no seu propósito. Esta série de fotografias, sobretudo as imagens em que o ponto de vista é do mar para a terra, reclama a releitura da frase inicial. Somos conduzidos a rever noções de ocupação, propriedade, território, revolução. Somos relembrados que o território que habitamos é um agregado de sítios sitiados por várias forças (políticas, económicas, ambientais, afectivas) que variam ao longo da passagem do tempo. Como o são os territórios pelos quais Luís Palma se tem vincido a concentrar + Maria do Mar Fazenda